

**Do sistema para o discurso: concepções de língua(gem) em Ferdinand de Saussure
e Mikhail Bakhtin**

**From the system to the discourse: conceptions of language in Ferdinand de
Saussure and Mikhail Bakhtin**

Valfrido da Silva Nunes ¹

Universidade Federal de Alagoas

Resumo – Ancorado em Bakhtin e seu Círculo (1997; 1998; 2003; 2009), no clássico Curso de Linguística Geral de Saussure (2006) e em autores que discutem essas teorias (NORMAND, 2009; FARACO, 2003, *inter alia*), o presente artigo faz um estudo teórico, reflexivo e contrastivo entre as visões de língua(gem) nas perspectivas formalista e dialógica. As figuras centrais são, respectivamente, Saussure e Bakhtin, para quem o objeto-língua(gem) é focado sob um olhar diverso por cada um deles. Um linguista suíço e um filósofo russo, o sistema e o discurso: estas são apenas pistas de uma discussão travada em torno da língua(gem), cuja elucidação atrela-se a outros conceitos subjacentes, tais como a noção de signo, o princípio do arbitrário, a ideia de social em cada uma das tendências, dentre outras categorias. Pretendemos, no entanto, assumir uma postura de reflexão ética, sem sobrepor teorias, reconhecendo a validade científica de cada uma delas. Em outras palavras, objetivamos discutir duas visões de um mesmo objeto.

Palavras-chave: língua/linguagem; formalismo; dialogismo.

Abstract: Based in Bakhtin and his Circle (1997, 1998, 2003, 2009), in the classic Course of General Linguistics of Saussure (2006) and authors discussing these theories (NORMAND, 2009; FARACO, 2003, *inter alia*), this article is a theoretical, reflexive and contrastive study between the visions of language in the formalist and dialogical approaches. The central figures are, respectively, Saussure and Bakhtin, for whom the object-language is focused under a different look by each one of them. A Swiss linguist and a Russian philosopher, the system and the discourse: these are only clues to a discussion about the language, whose elucidation hinges on other underlying concepts such as the notion of sign, the principle of the arbitrary, the idea of social in each of the trends, among other categories. We intend, however, to assume a posture of ethical reflection, without overcoming theories, recognizing the scientific validity of each one of them. In other words, we aim to discuss two views of the same object.

Keywords: language; formalism; dialogism.

Submetido em 22 de outubro de 2017

Aprovado em 8 de janeiro de 2018

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2017). Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), *Campus* Garanhuns. E-mail: fridoval@hotmail.com

Introdução

Os estudos sobre a língua(gem) sempre foram/são uma preocupação do homem; até hoje buscam-se respostas para perguntas que nos inquietam e que, possivelmente, para elas, nunca teremos resposta única: como falamos? Por que falamos? Quais as relações existentes entre língua e fala? Afinal, o que é mesmo uma língua? Seria ela uma nomenclatura das coisas ou uma representação do pensamento? Um processo de interação verbal? Instrumento de comunicação? Uma capacidade inata? Materialização de discursos histórica e ideologicamente construídos? Isso somente para fazer algumas perguntas retóricas, num universo que nos dá a condição de levantar inúmeras outras.

Embora saibamos que a resposta única esteja longe de ser um consenso, pelo menos uma coisa é salutar ressaltar: possíveis respostas para as indagações acima foram dadas em diferentes épocas, coerentes com determinados contextos histórico-socioculturais e de acordo com determinada perspectiva teórica. É assim que podemos falar em perspectiva formalista, estruturalista, gerativista, sociointeracionista assim por diante, quer sejam vertentes mais filosóficas, psicologizantes ou sociologizantes. Se formos ser mais específicos, ainda podemos falar de maneira mais afuniladora dentro de uma mesma corrente teórica. Por exemplo: formalismo de Saussure, Benveniste, Jakobson ou Hjelmslev? Ou formalismo de Leonard Bloomfield e Edward Sapir? O mesmo dizemos com as análises de discurso – Pecheuxiana, Foucaultiana, Lacaniana etc. – e com muitas outras disciplinas dentro da ciência da linguagem.

Um breve percurso pela história da Linguística corrobora isso que ora afirmamos. As discussões e os contrassensos são milenares. Da gramática da palavra e da frase para os estudos do texto e do discurso como tal se apresentam em nossos dias percorremos longos caminhos. É dessa forma que se permite fazer a cisão, ao menos terminológica, entre microlinguística (fonética, fonologia, morfologia, lexicologia, sintaxe, semântica) e macrolinguística (análises de discurso, análise da conversação, linguística textual, sociolinguística, psicolinguística, neurolinguística, pragmática, análise de gêneros textuais/discursivos), já que elas não se excluem totalmente.

Com efeito, tanta diversidade diante dos fenômenos linguísticos nos conduz a tomar atitudes mais cautelosas e abrir mão de um discurso monopolizador em nome da teoria “x” ou da teoria “y”. Já não faz sentido emitir juízos de valor, tentando eleger

determinada vertente teórica como a melhor ou a mais correta. Não passa de falácia – mas não uma falácia ingênua – sobrepor teorias, numa luta pela supremacia, embora saibamos que, no mundo acadêmico, fazer escolhas epistemológicas para fundamentar pesquisas seja tarefa primordial do pesquisador.

Posto isso, convém afirmar que o presente artigo de revisão da literatura pretende fazer uma reflexão teórica sobre a concepção de língua em dois grandes estudiosos da língua(gem), a saber, Saussure e Bakhtin. Nesse sentido, pretendemos discorrer sobre aspectos que caracterizam cada uma dessas visões, que são encaradas, por razões diversas, de uma forma pelo mestre suíço e de outra pelo mestre russo. Desde já, deixamos claro que não faz parte do propósito desta discussão emitir juízo de valor ou sair em defesa de uma teoria em detrimento da outra, pois, como assumimos acima, essa atitude não faz parte do nosso posicionamento.

Do ponto de vista teórico, apoiamo-nos nas obras de Bakhtin e seu Círculo (1997; 1998; 2003; 2009), bem como no clássico *Curso de Linguística Geral* (CLG) de Saussure (2006), acrescentando autores que têm dado contribuições neste campo, a exemplo de Normand (2009), Faraco (2003), dentre outros. Portanto, esperamos contribuir para tornar mais clara a visão de língua sob o prisma dos teóricos acima referidos, na tentativa de situar melhor estudantes e pesquisadores iniciantes nos estudos bakhtinianos e saussurianos, bem como fornecer algum subsídio para se pensar as noções de língua na escola.

1. A língua numa perspectiva formalista

Quando dizemos “perspectiva formalista”, somos imediatamente conduzidos a pensar em “forma”, “estrutura”, “materialidade”. Evidentemente, não estaremos errados pensando assim. O que não pode acontecer é cairmos no simplismo de nos contentarmos com estes conceitos sem buscarmos as razões de sua existência. Dito de outra forma, é preciso investigar a natureza daquilo que dizemos, buscando seus fundamentos epistemológicos, sempre em consonância com determinada corrente teórica em determinada época. É disto que trataremos nesta seção: o que se entende, de fato, por língua como sistema na perspectiva saussureana, conceito que nos remete diretamente a outros com os quais está relacionado, como o conceito de signo, o princípio da arbitrariedade, a noção de social em Saussure e o ponto de vista do locutor.

1.1. O “corte epistemológico” saussureano

Primeiramente, há de se reconhecer que não é à toa que Saussure herdara a denominação de “Pai da Linguística Moderna”, ou ainda, que praticamente um século depois a sua obra prima² continua a ser estudada nos cursos de Letras e nas suas respectivas Pós-graduações. Algo diferente certamente fora feito. Todavia, teria ele se tornado célebre pelas respostas que dera ou pelas perguntas inquietantes que levantara?

Lançando um olhar, mesmo que mínimo, sobre a história da Linguística, é possível verificar que os estudos da linguagem nunca foram tão bem definidos anteriormente como o fizera o mestre genebrino. É certo que os estudos filosóficos, bem como os estudos filológicos e histórico-comparatistas, tiveram sua relevância. No entanto, Saussure, inclusive como bom comparativista de formação que era, foi para além do que pensavam os seus contemporâneos. Ele era um homem à frente do seu tempo. Para ele, já não fazia mais sentido apenas comparar as línguas em busca de uma protolíngua.

Além do mais, as ciências do homem, em consonância com o pensamento positivista vigente, que se preocupava como o real-sensível, precisavam definir seus objetos de estudo, como o fizeram as ciências da natureza. É nesse contexto que principia o “nascimento” de uma ciência, cujo objeto de estudo urgia ser objetivamente delimitado. Pensar a linguagem é pensar de forma muito abrangente, em toda sua dimensão especulativa e filosófica. Ademais, outras ciências também trabalham com linguagem: a própria filosofia, a psicologia, a antropologia, dentre outras áreas.

Tornava-se necessário, portanto, restringir o campo de estudos da linguagem, dando-lhe uma direção mais precisa. É assim que Saussure principia, ainda na introdução do *Curso*, quando indaga: “qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil...” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Ora, a preocupação do mestre suíço consistia em provar que a Linguística devia se ocupar do estudo da *língua*. Mas, para isso, precisava elucidar o que se entendia por língua, conceito que reclama o esclarecimento de muitos outros aos quais está atrelado, tais como a revisão da noção de signo, a teoria do valor e o princípio da arbitrariedade.

² Embora sabendo que o *Cours de Linguistique Générale* (CLG) é uma obra póstuma, organizada pelos discípulos de Saussure – Charles Bally e Albert Sechehaye –, trataremos o *Curso* como sendo do próprio Saussure, pois não faz parte do escopo deste trabalho discutir questões referentes à autoria, pondo em xeque uma suposta “originalidade” do pensamento saussuriano.

A tarefa de Saussure não era simples. A bem da verdade, era mister dar à língua, naquele momento, *status* de cientificidade. Para tanto, fazia-se urgente definir conceitos-chave, colocar devidamente cada coisa no seu respectivo lugar. Com seu caráter taxionômico, Saussure sistematizou os fatos linguísticos, o que lhe rendeu os conhecidos chavões, tais como “divisor de águas nos estudos da linguagem”, que foi ele quem “limpou o terreno para que se pudesse trabalhar” e assim por diante. Pois bem, tal corte epistemológico trata-se justamente desta ruptura. Não é sem propósito que se afirma que

o grande mérito de Saussure está, antes de tudo, no seu caráter metodológico, um prolongamento da sua personalidade perfeccionista. Era preciso, em primeiro lugar, pôr ordem nos estudos linguísticos. Para poder criar e postular suas teorias com perfeição científica, impunha-se-lhe, antes, um trabalho metodológico preliminar. (CARVALHO, 2008, p. 26).

1.2. A língua como sistema

Como afirmamos acima, era necessário, antes de tudo, fazer um recorte preciso para legitimar uma ciência da língua. Para isso, a tarefa primeira consistia em diferenciar *língua* de *linguagem*. O mestre suíço chega mesmo a expor no *Curso* que linguagem e língua não devem ser confundidas. Esta, enquanto sistema, é somente uma parte daquela, que é ao mesmo tempo física, fisiológica, psíquica, multiforme e heteróclita. A língua é, pois, para Saussure (2006, p. 17), ao contrário da linguagem, “um todo por si e um princípio de classificação”. Sabemos que o conceito de linguagem é amplo, posto que engloba todas as possibilidades de significar, muito além do linguístico. Portanto, se pretendêssemos organizar os conceitos ora posto em um diagrama, obteríamos a seguinte figura:

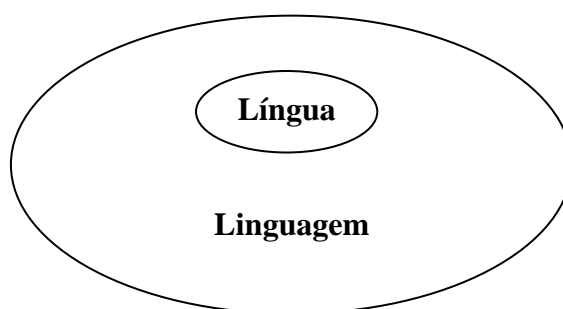


Fig. 1 – Diagrama representativo dos conceitos de língua e linguagem
Fonte: Elaboração do autor.

No dizer do próprio Saussure (2006, p. 23), “enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num

sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica”. Neste sentido, é recorrente, ao longo do *Curso*, a afirmação de que a língua é um sistema. Este é o “ponto de vista” do mestre suíço; no entanto, é curioso refletir sobre isso. Para Saussure, pensar o sistema é pensar as unidades postas em relação. Nesse prisma, cumpre refletir:

Mas o que é a língua? É um *sistema*. Essa definição de base, repetida várias vezes, não é, à primeira vista, uma grande novidade. (...) o termo comum é tomado, no entanto, por Saussure em uma acepção mais precisa, de certo modo técnica: explicitado como *funcionamento* ou *mecanismo*, ele remete a uma característica julgada fundamental das *unidades linguísticas*: a de que é impossível apreendê-las fora do sistema específico em que são tomadas, pois é nele que está seu modo de realidade. (NORMAND, 2009, p. 50).

Assim, definir a língua nos moldes acima vistos é dar-lhe autonomia, pois como disse Bouquet (2004, p. 130), a concepção saussureana do fenômeno linguístico está “ligada à autonomia da língua em relação às outras realidades psicológicas – concepção expressa pela proposição de que a língua é uma *forma* distinta de *substâncias* que ela formaliza”. A preocupação do mestre genebrino está, portanto, em explicar a natureza desse sistema e, principalmente, como ele funciona.

Estabelecendo uma cisão entre língua e fala, conforme veremos abaixo, ele tinha por objetivo buscar entender o funcionamento do que permite falar, já que a língua não deve ser confundida com o *pensamento* e, muito menos, com *som*, ambos como duas “massas amorfas”. Em outras palavras, a língua – cujo papel característico é servir de intermediário entre o pensamento e o som – só é língua porque significa. Consoante Normand (2009, p. 50), “dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua”. Jacques Fontanille, embora numa perspectiva semiótica do discurso, faz referência à teoria de Saussure. Merece destaque esta passagem:

A noção de *sistema* decorre diretamente da noção de ‘valor’ linguístico, pois se o valor de um signo depende de uma rede de oposições, e essa rede de oposições deve ser, para cada signo, sincronicamente estável, isso significa que o conjunto da rede de oposições de todos os signos forma um sistema estável. Ele só tem existência virtual, exceto nas gramáticas e nos dicionários, mas está à disposição dos usuários da língua a qualquer momento. Segundo Saussure, a linguística tem, portanto, como missão o estudo desse *sistema de valores*. (FONTANILLE, 2007, p. 37).

1.3. A língua é social

Considerando que língua não se confunde com linguagem e, principalmente, que aquela é um sistema de signos, o linguista suíço estabelece outra dicotomia digna de nota: a que separa *langue* (língua) de *parole* (fala). Essa distinção é fundamental para esclarecer qual o verdadeiro objeto da Linguística, esta ciência-piloto que, com Saussure, estabelecia suas fronteiras, demarcando seu território. Como dissemos, as leituras de Saussure não podem prescindir do pensamento filosófico vigente, para quem o princípio fundante de uma ciência consistia na delimitação do seu objeto de estudo. A bem dizer,

Saussure não inventa a questão do *objeto* nem a dos critérios de escolhas que lhe é associada; ela está ligada, nessa época, à reflexão positivista sobre as ciências e sabe-se que essa reflexão constitui em A. Comte a preparação de toda reflexão científica, quer se trate da sociologia (...), quer da biologia. (NORMAND, 2009, p. 38).

No tocante a isso, o mestre é bastante enfático. Para ele, a Linguística deve ocupar-se da língua e não da fala. Eis por que: enquanto a língua é social, homogênea, sistemática e essencial, a fala é o seu oposto: individual, heterogênea, assistemática e acidental. Dito de outra maneira, interessa a Saussure o estudo das formas, postas em relação dentro de um sistema, ou seja, a língua enquanto potencialidade, mecanismo e funcionamento. A fala, ao contrário, é o lugar da diversidade, da heterogeneidade, sujeita à vontade do falante. Ele chega até mesmo a propor uma “Linguística da língua” e uma “Linguística da fala”, embora aborde apenas a primeira.

Entretanto, é salutar sublinhar que a ideia de social na teoria saussureana merece especial destaque. O que o teórico genebrino chama de social diz respeito à ideia de compartilhamento. Melhor dizendo, a língua é social porque todos a aceitam sem questionar; ela simplesmente se impõe. Tal imposição deve-se ao *princípio da arbitrariedade*, posto que na língua nada é natural, o que exclui qualquer interferência da vontade individual ou coletiva. Em síntese, é *língua* porque significa e é *social* porque é *partilhada e arbitrária*.

1.4. O signo em Saussure

Admitindo que a língua é um *sistema de signos*, convém elucidar o que se entende por signo na perspectiva de Saussure. Ao contrário dos comparatistas que tomavam este conceito apenas como sinônimo de significante, Saussure inova, conceituando o signo como o conjunto inseparável de duas partes: o *significante* (se) e o *significado* (so). A posição de Saussure descarta ainda a velha especulação filosófica de

que a língua é uma nomenclatura, deixando claro que o signo não une uma coisa a um nome, mas um *conceito* a uma *imagem acústica*, conforme podemos observar nas ilustrações abaixo.

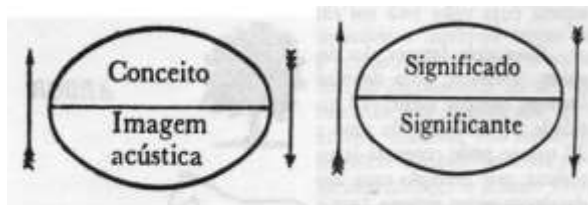


Fig. 2 – Elementos constitutivos do signo linguístico
Fonte: Saussure (2006, p. 80; 133, com adaptações).

Esta relação também clarifica que a Saussure não interessa a relação signo/mundo, mas a relação signo/signo, visto que este é definido na sua relação com os outros signos dentro de um sistema. Assim, a unidade não deve ser tomada isoladamente, mas no conjunto de signos que constituem o enunciado. Logo, o signo não vale somente pelo que é, mas também por aquilo que ele deixa de ser. O esquema abaixo ilustra essa ideia:



Fig. 3 – Relação entre signos dentro do sistema linguístico
Fonte: Saussure (2006, p. 133).

Depreende-se aqui que, para Saussure, a oposição entre palavra gramatical – aquela que só tem sentido dentro do sistema – e palavra lexical – aquela que por si só faz referência ao mundo – é indiferente ao sistema. De qualquer maneira, será sempre uma relação arbitrária entre signos, cujo valor dá-se dentro do próprio sistema. Por isso, afirma Normand (2009, p. 80) que “falar de valor (no lugar de palavra ou unidade) leva a abordar da mesma forma léxico e gramática”.

Assim sendo, convém ressaltar que o CLG está recheado de comparações com o signo linguístico, dentre elas a da moeda, que tem duas faces inseparáveis, e a da folha de papel (verso e anverso), cujas partes também são inseparáveis. Em todo caso, há de

se destacar que o aspecto primordial do signo saussureano é a arbitrariedade. Com a palavra o mestre genebrino:

Assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (‘boi’) tem por significante *b-ø-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (Ochs) do outro. (SAUSSURE, 2006, p. 81-82).

1.5. O ponto de vista do locutor

Outro aspecto que merece destaque na teoria do estudioso suíço é a abordagem da língua a partir do ponto de vista do sujeito falante: uma virada genial empreendida por Saussure. Ele trata a língua sob a ótica do locutor e não do conhecedor. Nas palavras de Normand (2009, p. 45) “o locutor ordinário não é um *estudioso*, mas mesmo assim, ele *sabe* falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber *da* língua, deixando de lado o saber *sobre* a língua”.

Essa abordagem está diretamente relacionada a outra dicotomia da teoria saussuriana: a *sincronia* e a *diacronia*. Enquanto esta é vista no eixo das sucessividades, levando em consideração as transformações históricas sofridas pela língua, aquela diz respeito a um determinado estado de língua, no eixo das simultaneidades. Partir da sincronia é, portanto, abstrair o tempo, fazendo uma idealização, recurso legítimo da ciência da língua, tal como Saussure a concebe.

Para Saussure, a língua, como sistema que é, deve ser analisada em seu aspecto sincrônico, visto que, desta forma, ela se apresenta ao sujeito falante como “uma herança que se impõe”, e o falante se comporta como um “ignorante do passado de sua língua”. Normand (2009, p. 53) diz que esta insistência de Saussure “se explica também por razões internas à teoria; trata-se de tornar sensível um ponto de vista novo, o mesmo que permite pensar o sistema”.

A bem dizer, convém afirmar que o falante, na perspectiva do linguísta genebrino, pode ser tomado como um sujeito passivo, pois a língua simplesmente a ele se impõe. Se ela é tomada como potencialidade, virtualidade, abstração, pré-existente ao indivíduo, ele não tem autonomia de intervir para modificá-la. Aliás, essa ideia comunga com outras perspectivas vigentes à época, para quem o homem está submetido a forças sobre as quais ele não tem controle, como o inconsciente em Freud e ideologia

em Althusser. Saussure revoluciona no campo linguístico, portanto, sob a mesma bandeira freudiana/althusseriana.

Entretanto, a teoria saussureana vai ser, posteriormente, bastante questionada por outros teóricos, dentre eles Bakhtin. É tecendo comentários acerca disso que Barbara Weedwood vai dizer que, tanto Saussure como Chomsky – este numa perspectiva gerativista –,

serão duramente criticados já no último quartel do século pelos linguistas e filósofos da linguagem que se dedicarão à abordagem funcionalista da língua e aos aspectos do *uso* da língua, bem como pelos defensores da língua como uma *atividade social*, sujeita portanto à pressão da *ideologia*. (WEEDWOOD, 2002, p. 125).

2. A língua numa perspectiva dialógica

Pensar dialogismo é pensar a língua como atividade *social* – não no sentido saussureano –, realizada entre/pelos sujeitos do discurso. Assim, ela não pode mais ser vista como um sistema fechado em si (interno), restrito apenas ao linguístico, mas como um *processo* contínuo e ininterrupto que se constrói dialogicamente. Neste sentido, entram em jogo os aspectos extralinguísticos, ou seja, relativos ao mundo da vida. Tais aspectos (externos) constituem as célebres “exclusões saussureanas”, como se apresentam algumas no esquema abaixo:

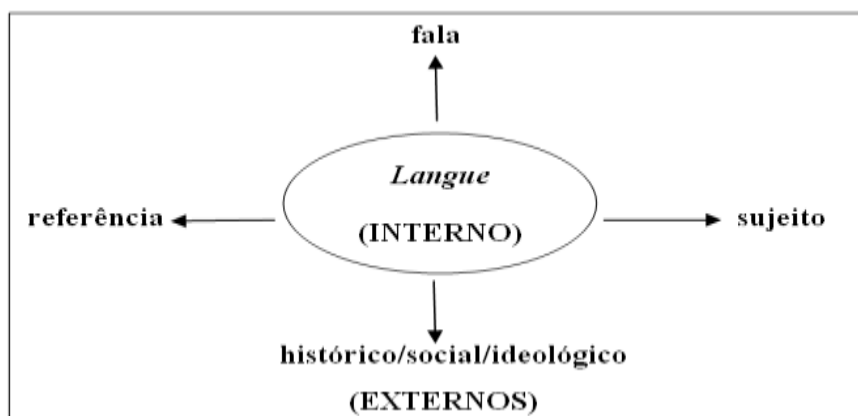


Fig. 4 – Relação entre exterioridade e interioridade na teoria bakhtiniana
Fonte: Elaboração do autor.

Dessa forma, vemos que a língua já não pode ser mais vista como pronta e acabada, como se fosse um tesouro depositado na mente dos falantes. Ao contrário, ela é viva e dinâmica, por isso só pode ser apreendida em toda sua inteireza no contexto da enunciação verbal.

2.1. Fundamentos da visão bakhtiniana da língua

Primeiramente, convém salientar que Bakhtin e seu Círculo³ não estão preocupados em estabelecer relações dualistas entre os fenômenos da língua. Explica-se, por exemplo, o fato de eles não diferenciarem os conceitos de língua e linguagem e de darem total atenção à fala, como não o fizera o mestre genebrino. Seguramente, pode-se dizer que Bakhtin não é o teórico dos conceitos e das definições etiquetadas; sua discussão é de natureza filosófica, configurando-se como o teórico das questões discursivas.

Enquanto Saussure era linguista, sob a influência do Positivismo e com reflexos do Cartesianismo, Bakhtin era filósofo, cuja preocupação está muito além de criar uma teoria linguística ou literária. Sob a influência de uma filosofia de base marxista, o mestre russo trata os fenômenos linguísticos do ponto de vista sociológico, considerando, sobretudo, os valores ideológicos que perpassam a língua(gem), a qual constrói a realidade e é constituída por ela.

Bakhtin e seus seguidores partem de uma abordagem crítica dos estudos linguísticos produzidos até então. Neste sentido, atacam veementemente toda a literatura linguística produzida, desde os estudos filológicos à abordagem dos neogramáticos e assim por diante, perpassando por duas grandes correntes que eles denominaram de *subjetivismo idealista/individualista* e *objetivismo abstrato*. Dito isso, o Círculo de Bakhtin propõe uma terceira concepção de língua(gem), como uma negação das duas primeiras, conforme veremos a seguir.

2.1.1. Primeira perspectiva: o subjetivismo idealista/individualista

Esta perspectiva, que Bakhtin e Volochínov (2009), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, denominam de *primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico*, centra-se no psiquismo individual, ou seja, a língua é vista como uma criação individual. Para os estudiosos desta corrente, a língua não passa de uma atividade mental. Seguem-se, portanto, as posições fundamentais desta primeira tendência:

³ É preciso esclarecer que a autoria também é questionada em Bakhtin. Por diversas razões – pessoais ou políticas, no mundo soviético –, muitas das obras de Bakhtin aparecem assinadas, ora somente por ele mesmo, ora juntamente com seus seguidores, dentre eles Volochínov e Medvedev. No entanto, como não faz parte do propósito deste trabalho discutir esta questão em particular, optamos por denominar toda a produção como sendo do Círculo de Bakhtin, citando conforme aparecem os nomes dos autores catalogados nas obras.

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção ('energia'), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado ('ergon'), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 74-75).

Destacam-se como mais notórios representantes desta tendência Wilhelm Humboldt e Potebniá e seu grupo de discípulos. Numa perspectiva mais estilística, citam-se Vossler, para quem a língua é “uma concepção puramente estética” e Benedetto Croce, para quem, à semelhança de Vossler, “a língua constitui um fenômeno estético”. Weedwood (2002) afirma que:

os críticos atuais da gramática gerativa também costumam incluir Noam Chomsky entre os que veem a língua dentro de um 'subjativismo idealista'. De fato, é conhecida a proposta de Chomsky de classificar a linguística como um ramo da psicologia cognitiva, de basear suas análises na produção verbal de um 'falante ideal', abstraído de toda realidade histórica e social, e de empreender a busca de uma 'gramática universal', igualmente infensa às investidas da ideologia e da vida social dos seres humanos. (WEEDWOOD, 2002, p. 150).

2.1.2. Segunda perspectiva: o objetivismo abstrato

Segundo esta tendência, que o Círculo de Bakhtin chama de *segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico*, o centro organizador, ao contrário do *subjativismo idealista*, centra-se no sistema linguístico, bem entendido como o sistema das formas lexicais, gramaticais e fonéticas. Decorre disso uma visão de língua sob um olhar racionalista, em que o código linguístico assemelha-se ao código matemático. Nesse sentido, não interessa o signo que reflete a realidade, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, como pura abstração. O essencial dessa tendência pode ser sintetizado nas seguintes proposições:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente ao toda consciência subjetiva.
3. As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos,

- nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existem nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 85).

É explícita, nestas considerações, a crítica que Bakhtin e seu círculo fazem ao pensamento saussureano do Curso de Linguística Geral. Por que fazemos esta restrição? Os próprios autores chegam a escrever que se limitarão “às posições filosófico-linguísticas de base” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 87), ou seja, ao CLG, como obra revolucionária do movimento estruturalista na Europa. Embora reconheçam os méritos do linguista suíço, Bakhtin e seu Círculo não medem esforços para discordar explicitamente dele; para eles, pensar a língua aos moldes saussureanos não passa de uma ficção. Além de Saussure, Bakhtin aponta outro seguidor desta tendência. Ouçamos o mestre russo.

Saussure e sua escola não estão sozinhos no pináculo do objetivismo abstrato contemporâneo. Ao lado deles, nós vemos ascender outra escola, a escola sociológica de Durkheim. Nela encontramos uma figura de linguista como a de Meillet. Nós não nos deteremos numa descrição de suas concepções. Elas se inserem perfeitamente no quadro dos fundamentos já apresentados da segunda orientação. Também para Meillet não é a qualidade do processo, mas a de sistema estável das normas linguísticas, que faz da língua um fenômeno social. O fato de opor-se a língua do exterior à consciência individual, e mais o seu caráter coercitivo constituem para ele os traços sociais fundamentais da língua. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 90).

2.1.3. Terceira perspectiva: a abordagem dialógica

Como dissemos, o Círculo de Bakhtin nega as duas tendências do pensamento filosófico-linguístico acima referidas, que dominaram todo o movimento formalista. Qual seria então a sua posição acerca do fenômeno da língua(gem)? A ele a palavra: “a língua vive e evolui historicamente na **comunicação verbal concreta**, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 128, negritos nossos, itálicos dos autores). Com efeito, a noção de língua na perspectiva do Círculo refere-se à língua viva, que acontece na interação verbal entre os sujeitos do discurso. É, portanto, *dialógica* e atravessada pela ideologia. Não é uma língua neutra, virtual, abstrata; ao contrário, caracteriza-se

como dinâmica, plástica e flexível. Como *reflete e refrata*⁴ a realidade, a língua é tão heterogênea e complexa, quanto as relações humanas.

É elucidativa a exposição que Bakhtin faz em seu livro *Questões de Literatura e de Estética*, em que justapõe as duas visões de língua, ou melhor, contrapõe o objetivismo abstrato à perspectiva dialógica/interacionista. Com ele a palavra:

Temos em vista não o *minimum* linguístico abstrato da língua comum, no sentido do sistema de formas elementares (de símbolos linguísticos) que assegure um *minimum* de compreensão na comunicação prática. Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN, 1998, p. 81).

A esta altura, não se pode deixar de mencionar que Bakhtin e seus seguidores não negam a existência do sistema linguístico. O que eles rechaçam é o estudo da língua sem levar em consideração as questões discursivas, o que a tornaria uma mera abstração. Bakhtin argumenta que a língua possui duas forças, as quais não se contradizem dicotomicamente, mas que são aplicadas concomitantemente pelos sujeitos do discurso no momento da enunciação: as *forças centrípetas* e as *forças centrífugas*. Enquanto as primeiras dizem respeito aos processos de centralização e de unificação da língua, as segundas referem-se ao curso da descentralização e da desunificação. *Grosso modo*, depreende-se que as *forças centrípetas* concernem ao que é estático, ao passo que as *forças centrífugas* tendem para a inovação, para a dinâmica da língua. A propósito,

esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das *forças centrípetas* caminha o trabalho contínuo das *forças centrífugas* da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação. (BAKHTIN, 1998, p. 82).

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin também reconhece a existência do sistema linguístico, quando diz:

A *língua como sistema* possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos

⁴ Convém sublinhar que o chamado Círculo de Bakhtin, ao longo das suas obras, costuma fazer analogias, recorrendo a terminologias oriundas das ciências exatas e naturais. São exemplos disso os verbos *refletir* e *refratar*, a ideia de *forças centrípetas* e *forças centrífugas* e a noção de *cronotopo*.

padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem *direcionamento real no todo de um enunciado concreto*. A expressão desse direcionamento real nunca se esgota, evidentemente, nesses recursos especiais (gramaticais). (BAKHTIN, 2003, p. 306, itálicos nossos).

Portanto, há de se convir que nem tudo na língua é homogêneo, bem como nem tudo prescinde de regras. Há forças centralizadoras – o sistema normativo – que coexistem com forças descentralizadoras – a diversidade, as variações. Sábias são, por isso, as palavras do mestre russo, quando não nega a existência do sistema, entretanto reconhece que uma língua vai muito além da estrutura léxico-gramatical, devendo ser analisada no contexto dialógico da interação verbal. Finalmente, achamos por bem elencar as proposições que demarcam o ponto de vista da perspectiva do Círculo:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.
2. A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
4. A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo ‘individual’) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 131-132).

2.2. O social em Bakhtin e seu Círculo

Pelo visto, há de se supor que aquilo que Bakhtin e seu Círculo chamam de social difere do social discutido por Saussure. Para este, não há vínculo algum com o ideológico. E, como dissemos anteriormente, a língua é uma instituição social porque é arbitrária e se impõe ao grupo que a compartilha. Para aquele, a língua é social porque é *ideológica* e centra-se no *dialogismo*, visto que todo dizer é dito por alguém e para alguém, em determinado contexto sociocomunicativo, sempre visando a efeitos específicos. Não é sem razão que:

Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. (...) *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116).

E, mais adiante, corroboram tal pensamento, quando dizem que “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117). Assim, língua(gem) e *relações dialógicas* estão interpenetradas. De fato,

as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a *vida* da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN, 1997, p. 183).

2.3. O valor do signo em Bakhtin e seu Círculo

É certo que, para cada concepção de língua subjaz uma concepção de signo. Portanto, a ideia de signo como união da *imagem acústica* a um *conceito mental* tem sua coerência dentro de uma perspectiva linguística puramente formal, em que os elementos são analisados não como unidades isoladas, mas quando postos em relação dentro de um sistema fechado.

Entretanto, a concepção de língua bakhtiniana reclama uma nova noção de signo. O que para Saussure é signo, para o mestre russo e seus seguidores não passa de um sinal, pois “se concedermos um estatuto separado à forma linguística vazia de ideologia, só encontraremos sinais e não mais signos da linguagem” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 99). Aliás, para o Círculo de Bakhtin, o sinal (ou signo saussuriano) está apenas no plano da identificação, mas não da compreensão. Em sendo assim,

o sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do

mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96-97).

Ante isso, o signo bakhtiniano coaduna-se com a teoria marxista da criação ideológica, já que “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31). Nesse sentido, cabe uma observação interessante: na visão dialógica da língua(gem), “a palavra é o *fenômeno ideológico por excelência*. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. (...) A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 36). Portanto, há de se convir que o signo bakhtiniano tanto *reflete* quanto *refrata* a realidade, uma vez que,

no processo de referenciação, realizam-se, portanto, duas operações simultâneas nos signos: eles *refletem* e *refratam* o mundo. Quer dizer: com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas o fazemos sempre de modo refratado. E *refratar* significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo. (FARACO, 2003, p. 50).

2.4. O sujeito em Bakhtin e seu Círculo

A princípio, é pertinente ressaltar que a visão de sujeito na perspectiva do Círculo não diz respeito a um sujeito passivo, para quem a língua existe enquanto virtualidade, muito menos totalmente assujeitado ideologicamente, como defendem outras correntes teóricas. Ademais, não supõe um *emissor* e um *receptor* que trocam *mensagens*, por meio de um *código*, em determinado *contexto*, via um *contacto* específico, como apontou Jakobson (1979, p. 123), no seu clássico esquema da comunicação. Contrariamente a essa visão,

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (...) toda compreensão é prenhe de reposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

O sujeito em Bakhtin é, portanto, um locutor que interage de modo relativamente ativo. É sempre um *eu* que fala/escreve para um *tu* (ou para os *outros*),

com determinada *intenção discursiva*, considerando a cadeia ininterrupta das interações humanas. Logo, todo dizer estará sempre orientado para o que já foi dito e para o que ainda se vai dizer. Além do mais, os locutores alternam sempre seus papéis, ora como falante/escrevente, ora como ouvinte/leitor. Conseqüentemente, tudo o que ele diz está povoado da voz dos outros, daquilo que ele viveu/experenciou; além disso, sua atitude será sempre *responsiva ativa*, pois vive em contínuo processo de interação verbal. Não há espaço para o *monólogo*. Toda enunciação está orientada pelo *dialogismo*; por conseguinte, todo enunciado suscita resposta, embora retardada. Ora, o sujeito que responde e compreende ativamente não pode ser jamais um sujeito passivo, o qual seria uma abstração. No que tange a isso, convém ressaltar que

a enunciação monológica já é uma abstração, embora seja uma abstração de tipo 'natural'. Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 101).

Considerações finais

Pensar a língua(gem) é pensar um fenômeno complexo. Tal fenômeno parece se revestir de maior complexidade quando nos deparamos com diferentes perspectivas teóricas que abordam este mesmo objeto. Neste caso, o que se entende por língua(gem) numa concepção formalista difere em muito de uma tendência dialógica/interacionista. Como vimos, para Saussure, não interessa o estudo da fala, pois ela é individual; estabelece ainda uma relação dicotômica entre língua e linguagem. Enquanto esta é muito ampla, incluindo todas as possibilidades de significação, aquela é vista como um sistema fechado sincrônico e como uma instituição social. Por conseguinte, delimita a língua como sendo o objeto da Linguística, que naquela época se firmava como ciência-piloto no campo das ciências do homem.

Por um lado, pensar o sistema autônomo é pensar as unidades postas em relação. Tais unidades concernem aos signos linguísticos que, para o mestre genebrino, são a união do significante com o significado. Tomar o signo nesta acepção é reconhecê-lo como arbitrário, visto que não há uma relação natural entre as suas “duas faces”. Logo, há de se convir que, a língua também é arbitrária, motivo suficiente para se impor ao

sujeito falante, que a usa fazendo *tabula rasa* do passado; por ser compartilhada e arbitrária, a língua torna-se social.

Por outro lado, não é assim que pensam Bakhtin e o seu Círculo. Para eles, língua e linguagem não se distinguem; a fala é social e a língua não se resume a um sistema normativo sincrônico. Ao contrário, pensar a língua(gem) é levar em consideração as questões discursivas, inerentes ao mundo real. Por isso, a língua é vista como uma atividade verbal, dialógica por excelência. Não é sem propósito que a história e a ideologia atravessam esta concepção de língua. Como não podia deixar de ser, neste prisma, o signo já não é mais concebido como a união de uma *imagem acústica* a um *conceito*. Para o Círculo de Bakhtin, isso não passa de um mero sinal. O signo, para eles, é ideológico, pois por meio dele construímos realidades, emitimos juízos de valor, dizemos verdades ou mentiras. Assim é que se explica a sua natureza de *refletir e refratar* a realidade.

Nesse sentido, tudo leva a concordar que a língua(gem) tomada no contexto da enunciação dialógica supõe a existência de seres reais, falantes e ouvintes, que interagem entre si, que têm vontade discursiva, que argumentam, expõem, concordam, discordam, sugerem, refutam e assim por diante; portanto, a compreensão entre eles será sempre ativa, pois este sujeito, de alguma forma, sempre responde. Eis por que, ao contrapormos Saussure e Bakhtin, podemos falar em duas visões de um mesmo objeto, sob um olhar que parte do sistema para o discurso, da forma para os usos.

Referências

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/UCITEC, 1998.
- BAKHTIN, M. M; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CARVALHO, C. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1979.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.